

## TRANSMASCULINIDADE NA ESCOLA: uma experiência TRANSformativa na Escola Estadual Professor José de Freitas Nobre

Elusiano da Silva Melo Júnior<sup>1</sup>

Lidiane Alves da Cunha<sup>2</sup>

### RESUMO

Diante das constantes e variáveis manifestações de gênero presentes na nossa sociedade, as escolas tem apresentado, em sua maioria, formas de lidar com as situações que fujam da normatividade<sup>3</sup>. Contudo, muitas vezes os processos não passam de maquiagens sociais, utilizadas com o propósito de seguir em frente e apresentar uma política de igualdade, deixando de lado o trabalho de conscientização social e trabalho com as diferenças. O presente trabalho busca, a partir da perspectiva de um aluno transexual, da coordenação da escola e dos documentos que regem suas diretrizes internas, dialogar acerca do processo de inserção da transexualidade dentro de uma escola da zona leste de Mossoró. A partir dos resultados desse estudo, fazemos um convite para a reflexão acerca de uma política de trabalho com as diferenças enquanto parte primordial para a vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Transexualidade, educação, diferença, igualdade, escola.

### 1 INTRODUÇÃO

A transexualidade constitui uma das manifestações de gênero mais comuns de toda a humanidade. Caracterizada por uma redesignação que parte para além do biológico, a identidade trans se utiliza dos mais diversos artifícios culturais e sociais a fim de saciar seus anseios pela identificação social com o gênero cujo qual a pessoa se identifica, muitas vezes discordante do seu sexo biológico ou gênero imposto ao nascer.

Em diálogo com Pelúcio (2006), a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luma Andrade (2012, p.15-16) define *travesti* como sendo uma pessoa cujo sexo biológico que lhe foi designado destoa com sua busca de vivência em uma identidade de gênero contrária a que lhe foi atribuída no

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, [elualt3@gmail.com](mailto:elualt3@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Dr<sup>a</sup> pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [lidianeadc@gmail.com](mailto:lidianeadc@gmail.com);

<sup>3</sup> Adotamos aqui o termo *normatividade* como sendo o padrão socialmente difundido e aceito de ser cis, hétero, performante de uma masculinidade e feminilidade padronizada dentro dos estereótipos históricos do ser homem ou mulher.

nascimento, sem necessidade, contanto, de “extirpar” sua genitália. Em suma, por exemplo, uma pessoa que nasce com um pênis (biologicamente associado ao gênero masculino) busca a associação ao gênero feminino (com o qual se identifica) por meio de adereços e adoção de condutas tidas como femininas pela sociedade civil.

É importante ressaltar que, em diferentes graus de disforia<sup>4</sup>, há necessidade de intervenções cirúrgicas afim de uma melhor representação exterior do que se busca interiormente.

Devido à normatividade patriarcal imposta culturalmente, como também sua violência cotidiana e coesiva, heteroterrorista, as pessoas trans (ou discordantes) tendem a ser marginalizadas, de modo a refletir nos altos índices de evasão escolar, prostituição e mortes. É no ambiente escolar onde há maiores taxas de reprodução de heteroterrorismo<sup>5</sup>, descrito por Bento como sendo a reiteração de violências contra pessoas que fogem da normatividade, no que diz respeito à performance de gênero. A saber

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. [...] A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada [...] a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada. (BENTO, 2011, p.552)

O presente estudo tem por objetivo investigar como se deu a inserção da transexualidade no ambiente escolar da Escola Estadual Professor José Freitas Nobre, em Mossoró, como também conhecer a realidade de um aluno transexual masculino, sua percepção, história e trajetória de inserção escolar e os impactos de sua chegada no ambiente. Para tal, é necessário também dialogar com o Plano Político Pedagógico, as normativas e diretrizes nacionais, verificando se há algo referente à inserção, permanência e segurança de pessoas transexuais na escola.

---

<sup>4</sup> Desconforto permanente para com as marcas sexuais lhes designadas ao nascer.

<sup>5</sup> O *heteroterrorismo* é aqui concebido como a prática de repulsa e violência por tudo que fuja do modelo dominador hegemônico masculino, onde o “discordante” é marginalizado e violentado em sua subjetividade (BENTO, 2011).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos desta pesquisa, orientamos nos preceitos artesanais de Mills (2009), onde o cientista dialoga com a construção de seus métodos de modo orgânico e individual, partindo do preceito de que não há “fórmulas ou leis, receitas e sim métodos [...] via, rota para se chegar ao fim” (MILLS, 2009, p. 13). Nesse sentido, o artesão intelectual - o construtor de si - estaria incubido da capacidade de traçar sua própria rota, numa trilha que se desdobra em infinitas possibilidades de caminhos, e mais além, essa percepção multidirecional se daria pela indissociabilidade do artesão, sua vida e seu trabalho (MILLS, 2009, p. 14), tudo isso de modo acessível ao leitor. Nessa concepção, apresentaremos os que consideramos ser o caminho correto para nossa pesquisa.

### 2.1 SOBRE O TIPO DE PESQUISA

Minayo nos apresenta a metodologia da pesquisa como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2009, p. 14). Ela é o nosso “fio de Ariadne”, que nos auxilia a enxergar o melhor caminho por entre todas as passagens tortuosas dos labirintos da pesquisa social. A pesquisa social é descrita por Gil como sendo “o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2008, p. 26).

Em seu livro *Métodos e técnicas de pesquisa social* (2008), Gil (dialogando com Selltiz et al. [1967]) nos apresenta as classificações dos tipos de pesquisa, a saber, pesquisas exploratórias, descritivas e explicativas, o que vem sanar essa questão. Gil traz as pesquisas exploratórias como algo que possui “como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27). Ou seja, onde se busca um aparato inicial de informações a fim de que novas pesquisas surjam para se compreender a questão em sua totalidade. Para o autor, a pesquisa descritiva se pauta em

descrição das características de determinada população ou [...] estabelecimento de relações entre variáveis. [...] Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as

características de um grupo [...]. Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. (GIL, 2008, p. 27)

Assim, podemos conceber a pesquisa descritiva como sendo um alicerce para com relação à “vontade de se mudar o mundo”, no que diz respeito à necessidade de se ater ao alcance e propagação de um determinado fato que precisa ser revisado.

A terceira, em Gil (2008), pauta-se na percepção de que as pesquisas explicativas

contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (GIL, 2008, p. 28)

A pesquisa explicativa se pauta, nas ciências sociais, numa constante observação do fato, pois somente conhecendo o cotidiano do fato explorado é que podemos trabalhá-lo de modo a, dialogando com as leituras acadêmicas do “lado de cá”, estabelecer uma visão que busque compreender o fato.

Com isto, abraçando as concepções de Gil, nos propomos a investigar e descrever o assunto proposto inicialmente, sobre o processo de inserção de um aluno transexual na escola, dialogar com as documentações e levantamentos bibliográficos pré consultados buscando um maior entendimento sobre como se dá o processo de inserção de um aluno transexual no ambiente escolar.

## 2.2 SOBRE O CAMPO DE PESQUISA

A Escola Estadual Professor José de Freitas Nobre está localizada na Zona Leste da cidade de Mossoró, local de baixo desenvolvimento econômico, o que possivelmente gerou índices de violência, além de dispor de infraestrutura precária. Atualmente, ela atende cerca de 500 alunos, com uma média de 30 alunos por turma distribuídos em 9 turmas de fundamental e 7 de médio, sendo sua maioria de comunidades [...] onde os residentes

apresentam, em sua maioria, baixa escolaridade e atividades informais. (PPP FN<sup>6</sup>, 2016, p. 10)

## 2.3 SOBRE OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram o menino, cuja identidade ficara decidida por ele como sendo Rodrigo e a coordenadora da escola, que a mando da diretora (que por compromissos pessoais não pode ceder entrevista nos momentos em que nos encontrávamos na escola) ficou enquanto representante da direção.

Rodrigo é um homem trans de 17 anos, estudante do segundo ano “b” da escola, no turno da tarde. Veio para Mossoró para acompanhar a namorada, graduanda do curso de História pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, e aqui reside a cerca de um ano. A escolha por Rodrigo se deu devido a seu grau de escolaridade e a proximidade para com ele, pois já nos conhecíamos, superficialmente, devido à sua namorada. O local onde ocorreram as entrevistas com Rodrigo foi sua própria casa, à escolha do mesmo.

A coordenadora da escola é formada em pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, UERN, desde 2005. A escolha de alguém da direção para a participação da pesquisa se deu devido a necessidade de possuir uma visão da gestão escolar, onde o diálogo “do papel” estaria em consonância com o diálogo verbal da administração, numa tradução real dos ideais da administração da escola. A entrevista com a coordenadora ocorreu numa das salas da direção da escola.

## 2.4 SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

### 2.4.1 Entrevista

Apesar da não obrigatoriedade do uso de entrevistas em pesquisas qualitativas, ela se compõe, quando aliada ao olhar e ouvir de Oliveira (1998), num forte meio para a obtenção de dados devido a sua natureza subjetiva e “humana”. Duarte (2004), apresenta as entrevistas como fundamentais “quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas

---

<sup>6</sup> Abreviação utilizada para referir-se ao Plano Político Pedagógico da Escola.

classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (DUARTE, 2004, p. 215).

Muylaert *et all* (2014, p. 194), apresenta a entrevista narrativa como uma ferramenta não estruturada, que busca uma reconstrução dos fatos pelo ponto de vista do entrevistado, de modo a conhecer a subjetividade do ocorrido. Devido a sua natureza sensível, muitas vezes emotiva, ela tende a despertar um maior reconhecimento ao leitor com relação à história, que se atenta para as questões emocionais, facilitando a assimilação para com a teoria.

A busca por situar Rodrigo dentro do contexto escolar, por meio de suas trajetórias e significações configura numa situação propícia para a aplicação de entrevista, seja de cunho não estruturado ou narrativo.

Para a realização das mesmas, nos fizemos valer de um pequeno roteiro extremamente flexível onde os entrevistados puderam percorrer por diversos aspectos de sua vida social, profissional e, sobretudo, pelo processo abordado na temática do trabalho.

A análise das entrevistas se dará por meio das instruções de Muylaert *et all* (2014) e Duarte (2004). Partindo de uma organização da fala recebida, a fim de extrair o “noema”, a palavra retirada do âmago íntimo do ser (GEERTZ, 1978) passaremos, em um segundo momento, para organização de categorias de análise a fim de desdobrar o que foi dito e dialogar com os autores. Isso gera “subeixos temáticos” (DUARTE, 2004, p. 222) que aprofundam as análises na fala, gerando uma “tradução” documentada que poderá vir a ser consultada mais vezes (GEERTZ, 1978). Para tal, realizaremos a transcrição das entrevistas gravadas, via Google Drive, e nos utilizaremos de uma ficha de análise de entrevista narrativa.

#### **2.4.2 Análise documental.**

A análise documental de um local X, em busca de diretrizes ou leis que subsidiem ações ou pessoas é configurada como uma “luz”, no que diz respeito a legitimidade de ações que devem ser asseguradas a todos. Ao se tratar de um ambiente escolar, alguns planos de governo, leis e diretrizes são de suma importância, como por exemplo, o PNE<sup>7</sup>, o Regimento Interno<sup>8</sup> e o PPP. Entender esses documentos é entender como a escola deveria funcionar.

---

<sup>7</sup> Plano Nacional de Educação.

<sup>8</sup> Normas internas escolares, criadas para guiar o corpo escolar diante das mais diversas situações que possam surgir.



Poupart (2012) ao dialogar com Cellard (1991), traz o documento como algo que “permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão social” (POUPART *et all*, 2012). Em Gil (2008), vemos que as

fontes documentais são capazes de proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas. Sem contar que em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documento. (GIL, 2008, p. 147)

Com isso, concluímos que ao conseguirmos encontrar documentos válidos, com credibilidade, podemos extrair uma linha tempo-espacial que transpassa as alterações sociais de modo legítimo e prático, auxiliando o trabalho de campo.

Para a análise documental, Poupart nos orienta a aplicarmos, inicialmente, uma avaliação crítica sobre a documentação, avaliando o contexto sobre o qual ele foi criado, quais foram seus autores, qual sua autenticidade e confiabilidade perante a realidade, verificar qual sua natureza, seus conceitos chave e sua lógica interna. (POUPART *et all*, 2012, p. 299-303). O segundo passo, a análise em si, se dá pela interpretação acerca dos dados levantados, categorizando as informações necessárias na primeira parte.

Para esse estudo, faremos uso do PPP da escola, disponibilizado em sua versão de 2016<sup>9</sup>, como também as diretrizes internas do ano de 2017, dialogando com as falas dos participantes.

### 3 QUADROS ANALÍTICOS / COLETA DE DADOS

#### 3.1 SOBRE AS ENTREVISTAS REALIZADAS.

Quadro I - Entrevista com Rodrigo

Perguntas	Respostas
Como foi na escola no início do processo?	“Falar a verdade. Eu nunca, tipo... primeiro ano eu ainda estudei lá, estudei no Ceará, e foi um... é uma coisa que hoje eu

<sup>9</sup> Nos foi informado pela coordenação e direção que os documentos sofreram mínimas alterações, somente na quantidade de alunos e formatação, e que eles se utilizavam do mesmo desde 2016.

<p>(Sobre a inserção no espaço escolar - interação entre colegas e amigos)</p>	<p>reconheço que eu mudei muito. Tipo, eu não tive forças pra chegar na diretora e pedir pra ela mudar o meu nome, por eu eu tenho o direito, hoje em dia a gente pode. É tanto que lá na minha escola, lá no Freitas, o meu nome tá colocado certo na chamada, só não tá no registro por que é conectado com o CPF né, aí não tem como. Mas todo mundo me trata no masculino, todo mundo me chama de Rodrigo e nos papéis tá Rodrigo, nos que realmente dava pra colocar elas colocaram. Mas até o primeiro ano, que foi onde eu estudei lá no Ceará, eu não tive coragem de ir. Acho que é um dos pontos que tipo, tava faltando evoluir em mim em relação a isso e eu me arrependo de não ter falado, porque era, é um direito meu e eu não falei por medo e 'julgação' dos outros, medo dos outro julgarem, entendeu? Do que que os outros iam pensar, o que que os outros iam falar de mim pelas minhas costas, por que a gente sabe muito bem que o pessoal não fala na nossa frente, falam nas costas. Quando você passa o pessoal faz piada e tal, esse tipo de coisa... e era exatamente disso que eu tinha medo. E eu acho que foi uma coisa que eu aprendi aqui, tipo, depois que eu cheguei e tipo assim, nessa escola, no Freitas, agora, não foi fácil no começo. No começo eles não quiseram colocar meu nome social aí eu tive que botar a cara a tapa mesmo e eu disse 'olha, é o seguinte: eu sei muito bem que vocês sabem disso, vocês sabem que eu tenho direito, vocês tão se fazendo de doidos por que vocês acham que eu não sei dos meus direitos, mas eu sei muito bem e assim... ou vocês colocam por bem ou vocês colocam por mal porque, se vocês não colocarem, eu vou processar a escola... eu vou processar porque eu sei que meu nome social pode ser inserido e isso é uma falta de respeito comigo. Eu não vou responder pelo meu nome de certidão, meu nome civil, porque ele não me representa e se eu tenho o direito de usar meu nome social, eu vou usar e eu vou lutar por ele! Então vocês se resolvam aí, eu não vou responder por ele e ou vocês colocam por bem ou colocam por mal'. No outro dia minha matrícula tava feita com meu nome social. Porque eu botei medo neles, porque eu botei minha cara à tapa, entendeu? E assim, foi uma coisa que eu fiz com o cu na mão (risos) mas no outro dia eu soltei o cu (risos), deu certo, olha só?! Tá tudo bem agora"</p>
<p><b>Como os professores agem em relação à você e às questões referentes à transexualidade?</b> (Sobre as interações professor-aluno)</p>	<p>“É, só tem alguns professores ainda que as vezes trocam o pronome, me chamam ainda pelo nome antigo mas pedem desculpas e tudo mais,e eu entendo por que é uma questão de adaptação. Pra mim foi. No começo, nos primeiros dias, me chamavam de Rodrigo e eu 'hã? Quem é Rodrigo?' aí tipo, é uma questão de adaptação e tá tudo bem... enquanto eu perceber que eles tão sendo sinceros, pedindo desculpa e tal, ai eu vou tá de boa. Agora, a partir do momento que eu perceber que não é bem isso, que eles tão fazendo de propósito, aí eu vou cair em cima porque eu não aceito mais isso não”; “Inclusive, teve um</p>



	professor que me ajudou muito, ele é meu professor de artes, ele é advogado também, além de ser professor, e eu acho ele muito fofo cara, por que teve um tempo que a gente foi conversando quando eu cheguei lá, e teve um tempo que ele chegou pra mim, assim, e disse assim ‘você não tem vontade de mudar seu nome agora não? Porque eu sou advogado também e eu tenho muito vontade de pegar um caso e tal... então, e a gente arcaria com tudo’ por que você sabe que pra entrar num processo você tem que pagar no final e tal, e ele disse... nossa, ele foi um fofo. Até hoje ele me acolhe muito lá dentro da escola”
<b>Como a direção age com relação a você e as questões referentes à transexualidade?</b> (Sobre as relações humano-gestoras do ambiente escolar)	“hoje em dia a diretora é muito apegada comigo, a diretora <sup>10</sup> , e tipo, eu também sou muito apegado com ela, ela é um amor de pessoa e eu acredito que ela até... isso serviu pra ela evoluir também, porque eu tive umas briguinhas com ela e tal em relação a isso mas ela cedeu, ela realmente olhou o meu lado e, nossa, ela realmente é um amor de pessoa hoje em dia, ela e esse meu professor são uns anjos lá de dentro, sério.”

Fonte: autor.

Quadro 2 - Entrevista com a coordenadora<sup>11</sup>

Perguntas	Respostas
<b>Qual seu conhecimento acerca da transexualidade?</b>	Ela alega que, em sua formação, não houve diálogos acerca de questões relacionadas à transexualidade, contudo, ela conhecia sobre a “prática” por que era um tema recorrente. Segundo ela, hoje em dia as pessoas estão cada vez mais livres para escolherem ser o que são, que na escola (como um todo) essa temática vem a ganhar notoriedade recentemente.
<b>A escola possui uma política interna para lidar com situações que fujam do padrão de normatividade?</b>	Ela afirma que não, que ao invés de desenvolver uma prática específica, a escola busca integrar, do modo mais inclusivo possível, a todos, sem bullying, sem violência. A coordenadora diz que com as questões do “homossexualismo”, de Rodrigo e outras “pessoas assim” que possam vir a ingressar na escola, pode ser que haja uma alteração no PPP para casos específicos, mas que o foco da escola é a inclusão e tratar todos como iguais.
<b>Como foi a recepção de um aluno transexual na escola?</b>	Ela afirma que foi um processo tranquilo, que ele só pediu para ser chamado pelo nome social e para haver um tratamento masculino e a escola, discentes e docentes, acataram. Porém, devido a não alteração dos dados documentais em cartório, não

<sup>10</sup> Nome ocultado para preservação da mesma.

<sup>11</sup> Importante ressaltar que a entrevista realizada com ela não teve permissão para ser gravada, atendo-se então à anotações pós ato.

	foi possível executar a matrícula institucional com o nome social.
--	--

Fonte: autor.

### 3.2 SOBRE A DOCUMENTAÇÃO ESCOLAR

Quadro 3 - PPP e Regimento Interno em resposta às questões levantadas pelas entrevistas.

Questões	PPP	Regimento Interno
<b>O documento apresenta qualquer referência à respeito a diversidade sexual?</b>	<b>SIM;</b> “Garantir nos estudos das disciplinas curriculares a abordagem de questões da atualidade sob a ótica dos temas transversais: Ética, Sexualidade, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e consumo e Pluralidade cultural” (p. 18)	<b>SIM;</b> <b>Art. 71º</b> III - No âmbito dos componentes curriculares devem permear temas abrangentes e contemporâneos, tais como Saúde, sexualidade e gênero, Vida familiar e social, Direitos das crianças e dos adolescentes [...] Diversidade cultural. (p. 34)
<b>O documento apresenta política interna para lidar com situações que fujam do padrão de heteronormatividade?</b>	<b>Não, no máximo acerca de diferenças, num contexto geral de diferenças;</b> “Ensinar e aprender a conviver com as diferenças permanece como base essencial para construção de uma sociedade democrática” (p. 17); “Garantir um espaço de livre pensamento e respeito, oportunizar ações que favorecem o fenômeno da inclusão e do protagonismo juvenil” (p. 19)	<b>Não, no máximo acerca de diferenças, num contexto geral de diferenças;</b> <b>Art. 5º</b> O ensino ministrado tem como base os seguintes princípios:  I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na Escola. [...] IV - Respeito à liberdade e apreço à tolerância. V - Vinculação entre a educação escolar, trabalho e as práticas sociais: inclusão social contemplando as condições físicas, intelectuais, sensoriais, socioeconômicas, respeitando a heterogeneidade do educando. (p. 05); <b>Art. 62º</b> III - Ser considerado e valorizado em sua individualidade pelos seus educadores e colegas sem discriminação de raça, cor, religião, classe social, credo, política ou outra. (p. 29)
<b>O documento</b>	<b>SIM;</b>	<b>NÃO;</b>

<b>apresenta perspectivas de adaptação para as constantes mudanças sociais?</b>	“Algumas medidas e ações apresentadas são recentes e por isso estamos cientes de que estamos trilhando o caminho da inovação e da aprendizagem significativa, na perspectiva de alcançar grandes resultados no crescimento cultural dos nossos alunos” (p. 27)	
---	--	--

Fonte: autor.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as informações levantadas pelos documentos da escola, em diálogo com as entrevistas, observa-se que nesse contexto a inserção de um primeiro aluno transexual foi levado de forma prática e concisa, sem demais problemas por parte da coordenação, que mesmo com sua falta de políticas internas referentes à população LGBT, buscou adaptar-se à realidade constatada nas suas diretrizes, de tratar todos como iguais.

Para Rodrigo, enquanto estudante transexual, a sua boa recepção se deu pelo coletivo de ações entre sua coragem de “bater de frente” com seus medos e o possível preconceito que enfrentaria por parte do corpo escolar. Isso só se fez possível graças ao seu conhecimento acerca de seus direitos, o que o amparava legalmente. Outro fator que consideramos importante para a boa inserção escolar de Rodrigo, porém não percorrido neste momento - quem sabe em um momento futuro - é o apoio que ele revelou receber de sua família com relação à sua performance identitária;

Com relação à adaptação da política escolar, mesmo com a fala da coordenadora acerca das possíveis mudanças para as demais manifestações identitárias na escola, a realidade local constata outra coisa: uma maquiagem social acerca da importância de se trabalhar a diferença. Pois se a busca por uma sociedade democrática está, segundo o PPP da escola, pautado em aprender a conviver com as diferenças, como isso se fará possível se há a busca de um tratamento igualitário para todos? Estaria a escola, mesmo que com as melhores intenções possíveis, somente colaborando para a política do heteroterrorismo, escanteando essas discussões emancipatórias sobre gênero e sexualidade?

Concluimos o trabalho acerca dessa experiência com o convite à reflexão para uma política escolar interna onde as diferenças sejam tratadas como tais, de modo a transformar a

normatividade e possibilitar, por meio do real ensino ao respeito à diferença, o surgimento de uma sociedade capaz de lidar com suas questões sociais plurais, de modo a fugir das maquiagens heteroterroristas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma. **Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz diferença**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, n.2, 2011.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, Editora UFPR, 2004.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ DE FREITAS NOBRE. **Projeto Político Pedagógico**. Mossoró, 2016.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ DE FREITAS NOBRE. **Regimento Interno**. Mossoró, 2017.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura** In A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio da pesquisa social**, In: Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes, Maria Cecília Minayo (org). 28. Ed. - Petrópolis, rio de janeiro: Vozes: 2009

MUYLAERT *et all*. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Rev Esc Enferm USP; 48(Esp2):193-199 [www.ee.usp.br/reecusp/](http://www.ee.usp.br/reecusp/), 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**, in: O trabalho do Antropólogo. 2ª ed. São Paulo/UNESP: Paralelo 15, 1998.

POUPART *et all*. **A análise documental**. in: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.